

“MLT – ESSA LUTA É PRA VALER”: análise das experiências de luta por moradia na cidade Teixeira de Freitas

“MLT - ESSA LUTA É PRA VALER ”: analysis of the struggles for habitation in Teixeira de Freitas

Eden Brito Barreto ¹

RESUMO

Este artigo analisa as experiências de luta de membros do Movimento de Luta por Teto – MLT, na cidade de Teixeira de Freitas-Ba, a partir de relatos de moradores participantes desse movimento, que reivindicam moradia em um espaço urbano na referida cidade localizada no extremo Sul baiano, através do processo de construção de territórios na ocupação do bairro Rosa Luxemburgo. Para tanto, analisamos como foi feita a sua formação e o percurso durante o processo de regularização dessa ocupação, observando como se deu historicamente esse movimento em Teixeira de Freitas, investigando, também, o modo de vida das pessoas que participam desse movimento.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Ocupação; Experiência.

ABSTRACT

This article analyzes the struggle experience of members of the *Movimento de Luta por Teto – MLT*, in Teixeira de Freitas - BA, based on reports of interviews with some participant's in the construction of territories through the occupation of the Rosa Luxemburg neighborhood, this movement claims to live in an urban space in this city. We analyze the formation process and the process of regularization about this occupation, observing how has historically occurred this movement in Teixeira de Freitas, also investigating the way of life of the people who participate in this movement.

Palavras-chave: Social Movements; Occupation; Territories, Experience.

INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores sem Teto – MTST – é um movimento organizado de cunho popular que tem como objetivo reivindicar a reforma urbana e o direito à

¹ Mestrando em Estado e sociedade pela Universidade Federal do Sul da Bahia-UFSB em Porto Seguro - Bahia, edenbarreto10@gmail.com.br.

moradia, fazendo ocupações em áreas que não têm objetivos sociais. O primeiro movimento de luta por terra no Brasil foi criado em 1984, com o nome de Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, com três objetivos principais: luta por terra, luta pela reforma agrária e luta por mudanças sociais no Brasil. Todavia, só em 1997 que o MST criou o movimento dos trabalhadores sem teto – MTST, para lutar pela reforma urbana. Esse movimento logo se desvinculou do MST e se tornou autônomo, com ideologias e princípios próprios. A partir disso, houve o aumento de ocupações na zona urbana de grandes cidades por diversos movimentos sociais, que se organizam através de várias formas de reivindicações e correntes ideológicas, com lideranças autônomas.

Em 2003, surgiu o Movimento dos Sem Teto de Salvador – MSTs, que ficou conhecido pela grande ocupação no Km 12, da Estrada Velha do Aeroporto (EVA). Seu percurso, aliás, está atrelado ao Movimento dos Sem Teto da Bahia – MSTB. Já em Teixeira de Freitas- Bahia, o Movimento de Luta por Teto - MLT começou antes, exatamente no ano de 2000, de modo desvinculado das lutas nacionais e estaduais, ocupando o bairro Redenção. Como essa primeira ocupação logrou êxito, logo em seguida aconteceram ocupações no bairro Luís Eduardo Magalhães, Tancredo Neves, Cidade de Deus, todas vencidas pelo Movimento. No ano de 2003, aconteceu a maior ocupação do MLT: no bairro Colina Verde.

A partir dessa ocupação, o movimento começou a ter uma relação com o governo municipal, e com essa parceria foram conquistados alguns programas sociais de moradias para a cidade de Teixeira de Freitas, criando os bairros João Mendonça, Novo Jerusalém e outros. Em 2015, houve outra ocupação em um local próximo ao Bairro Cidade de Deus. Logo após, no mesmo ano, foi ocupada uma área da empresa Grendene, onde segundo o líder do movimento, Leonardo Feitosa, tratava-se de uma área considerada como latifúndio improdutivo urbano, no qual a empresa não tinha cumprido com sua função social: a de gerar mil e duzentos empregos. Como resultado, houve a ocupação por mais de mil e quinhentas famílias desse

espaço, que era da Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial - SUDIC do Estado da Bahia, cedido à Grendene para gerar empregos, o que não aconteceu, mesmo depois de dez anos de atuação da empresa na cidade, sendo esse o local de pesquisa desse trabalho.

Tendo em vista o exposto, este artigo partiu de estudos de revisões bibliográficas das temáticas tratadas e discutidas no trabalho, buscando investigar e discutir os conceitos chave, através de vivência com as pessoas envolvidas no movimento. Como técnica de pesquisa foram realizadas entrevistas com os agentes envolvidos, revisão bibliográfica e coleta de dados em sites, em busca de notícias, reportagens e artigos científicos a respeito dos assuntos discutidos aqui. Também foram realizadas visitas para observação do espaço objeto desse estudo, a saber, o bairro Rosa Luxemburgo. Analisando, deste modo, o movimento de luta por teto na cidade de Teixeira de Freitas e como se deu a ocupação nesse local.

UMA ANÁLISE SOBRE OS PROBLEMAS HABITACIONAIS NO BRASIL

Historicamente, é possível perceber que os espaços urbanos estão sendo privatizados, cada vez com mais rapidez e frequência, pelas grandes construtoras e imobiliárias para especulação financeira. Como resultado, o cidadão comum não tem direito à cidade, e acaba sendo marginalizado na periferia, sem direito ao mínimo, como saneamento básico para a sua sobrevivência, postos de saúde, médicos especialistas e professores, que, na grande maioria das vezes, se concentram nos melhores bairros, fazendo com que os locais com menor índice de desenvolvimento humano sofra com a falta de médico, remédio, educação, lazer e qualidade de vida, ocasionando, assim, num grande transtorno social, realidade já discutida por Milton Santos:

Temos de comprar o ar puro, os bosques, os planos de água, enquanto se criam espaços privados publicizados, como os playgrounds ou ainda mais sintomático, os condomínios fechados que a gente rica justifica como necessários à sua proteção. O lazer

na cidade se torna igualmente o lazer pago, inserindo a população no mundo do consumo. Quem não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pela montanha e o ar puro, pela água, fica excluído do gozo desses bens, que deveriam ser públicos, porque essenciais. (SANTOS, 2013, p.125)

O estudioso ressalta, conforme citação acima, que o lazer na cidade, que é cada dia mais escasso, em análise, essa situação demonstra, também, que o indivíduo não tem direito nem de possuir uma moradia digna para constituir sua família, sem medo de ser expulso por falta de pagamento do aluguel, reintegração de posse ou por não ter pagado a parcela do financiamento do seu imóvel. Isso se torna um transtorno na vida do indivíduo, que para não ficar exposto diante a sociedade através de despejo e humilhação pública pelo Estado, acaba criando formas ilegais de conseguir se manter no convívio social que já era acostumado, encontrando, muitas vezes, alternativas no submundo do crime.

Nesse sentido, a Fundação João Pinheiro realiza importantes pesquisas, comprovando que “o censo demográfico de 2010 aponta um déficit habitacional de 6,490 milhões de unidades, o correspondente a 12,1% dos domicílios do país” (2017, p.32). Esses dados demonstram que o problema habitacional no Brasil é estrutural e que precisam ser criadas políticas públicas eficientes, para diminuir esse grande déficit que assola muitas famílias brasileiras, ocasionando numa grande exclusão social. Conforme a referida pesquisa, “outros 30% do déficit habitacional vem da região Nordeste, com destaque para os estados do Maranhão e da Bahia, com 421 mil e 521 mil unidades, respectivamente” (2017, p.37). Ademais, percebemos que as regiões que possuem maior déficit habitacional também têm menor índice de desenvolvimento Humano, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA.

Nesse sentido, Friedrich Engels (1988) ratifica que:

Aquilo que hoje se entende por falta de habitação é o agravamento particular que as más condições de habitação dos operários sofreram devido à repentina afluência da população às grandes cidades. É o aumento colossal dos alugueres, uma concentração ainda maior dos inquilinos em cada casa e, para alguns, a impossibilidade de em geral encontrar um alojamento. E esta falta de habitação é discutida porque não se limita à classe operária, mas também atingiu a pequena burguesia. (ENGELS, 1988, p. 17)

O problema visto por Engels não seria a falta de moradia e sim a concentração delas pelo capital, apenas para fins de especulação financeira. Engels ainda sugere uma solução para acabar com a falta de moradia, que seria “eliminar a exploração e opressão da classe trabalhadora pela classe dominante” (1988, p. 17). Isso porque os grandes condomínios servem apenas para adquirir capital financeiro através de aluguéis e vendas por um valor tão alto que os trabalhadores não teriam a condição necessária de adquirir e ocupar de forma pacífica. O problema se agrava quando vemos nas grandes cidades terrenos urbanos que não têm nenhum fim social, mas apenas para especulação financeira, ocasionando a segregação urbana, que consiste:

A segregação urbana ou ambiental é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. A dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbanos (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos etc.) somam-se menos oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. (MARICATO, 2017, p. 152)

Como resultado e modo de resistência e luta contra toda essa segregação, em 1997, foi criado no Brasil o Movimento dos Trabalhadores sem Teto – MTST, para reivindicar um modelo de cidade mais justa, ocupando áreas urbanas que, segundo seus participantes, só tinham objetivos de prospectar valores financeiros, e não objetivo social. As primeiras ocupações nas grandes metrópoles como São Paulo e

Rio de Janeiro se tornaram uma forma de propagar suas demandas diante dos órgãos públicos e privados, uma vez que boa parte das reivindicações não era simplesmente por moradias, mas também por saúde, educação e transporte para todos.

Ante o exposto, é notório o desenvolvimento capitalista na questão imobiliária nas grandes e pequenas cidades de nosso país. Tal desenvolvimento não leva em consideração a inclusão social e econômica das pessoas menos favorecidas. A esse respeito, Pierre Bourdier ressalta que o “Estado é lugar da luta de classes, e que o Estado não é bobamente o instrumento de hegemonia da classe dominante”. (1989, p. 62). Por isso observamos várias lutas de movimentos sociais na busca de espaços que deveriam ser ocupados por toda a sociedade, mas que ficam sob o poder de uma pequena parte que controla o capital.

Como resultado dessa situação, existe uma evidente criminalização dos indivíduos que participam desses movimentos, que muitas vezes são taxados como ladrões, vândalos e marginais. Essa concepção é propagada, segundo Guilherme Boulos (2012), líder de expressão do MTST, pelo desconhecimento e preconceito das reivindicações do movimento. Para ele, a “invasão foi o que fizeram os portugueses e depois deles os grandes proprietários brasileiros, pois grilaram e roubaram uma terra que é pública e que deveria ter destinação social, em benefício da maioria” (2012, p. 44). Nessa concepção, ocupação é retomar a terra dos invasores, para que possa ser utilizada em favor da maioria, dos trabalhadores. É transformar uma área vazia, que só serve para a especulação e lucro de empresários, em moradia digna para quem precisa. Afinal, existe uma reivindicação de direito, diante do poder econômico dos grandes latifundiários, que tinham o poder patriarcal, obtendo, historicamente, uma alta concentração de terra.

Segundo o estudioso Milton Santos (2013), no seu livro *O espaço da cidadania e outras reflexões*, “é impossível imaginar uma cidadania concreta que prescindia do

componente territorial” (p. 196). Em contrapartida, a luta por uma localização que dignifica o indivíduo, através de acessibilidade e retorno social, é visto pela burguesia como um transtorno social. O referido autor ressalta, ainda que:

A localização das pessoas no território é, na maioria das vezes, produto de uma combinação entre forças de mercado e decisões de governo. Como o resultado é independente da vontade dos indivíduos atingidos, frequentemente se fala de migrações forçadas pelas circunstâncias a que se alude acima. (SANTOS, 2013, p. 192)

Em consonância com Milton Santos, Ermínia Maricato (2003), nos seus estudos, indica “que a maior tolerância e condescendência em relação à produção ilegal do espaço urbano vêm dos governos municipais, aos quais cabe a maior parte da competência constitucional de controlar a ocupação do solo”. (p. 33)

Nesse sentido, a cidade de Teixeira de Freitas, como não podia deixar de ser, também sofre com todos os malefícios que atingem o problema de habitação no Brasil, que, conforme vimos nos teóricos acima, têm raízes históricas, políticas, ideológicas e sociológicas profundas. Nessa cidade, o movimento de luta por teto vem acontecendo há mais de uma década. Com o grito de luta: “MLT, esta luta é pra valer”, o movimento tem por finalidade amenizar a desigualdade social e dar moradia para a população necessitada, que não é contemplada pelo Estado em sua maioria, vivendo na margem, pagando altos custos de alugueis.



Site local: vista aérea da ocupação no seu primeiro mês.

RELATO DAS ENTREVISTAS COLHIDAS JUNTO AOS MEMBROS DO MLT-TEIXEIRA DE FREITAS

Para realização deste artigo, conforme supracitado, foram realizadas entrevistas qualitativas com as pessoas de maior protagonismo diante do movimento de luta por teto no bairro Rosa Luxemburgo. É importante ressaltar, contudo, que mesmo estando na posição de entrevistador e pesquisador durante a realização deste trabalho, sou participante ativo dessa luta, presenciei o início do movimento, bem como o surgimento de várias lideranças, pois muitas se rebelaram contra o líder do movimento. Isso se deu, entre outros fatores, pelos conchavos políticos que alguns líderes possuíam, e os outros ocupantes não concordavam. Por isso, a juventude socialista, que contribuiu com a luta no início, deixou de lado a sua participação do movimento.

Entre os entrevistados, destaco a participação do morador do bairro Rosa Luxemburgo e também presidente da associação do bairro, identificado aqui por *João*, para garantia do sigilo. Uma pessoa influente na comunidade e também fora

dela, com relações políticas com o ex-governador Jaques Wagner. A entrevista, inclusive, foi realizada na sua casa, que é localizada no final do terreno ocupado pelo movimento, espaço que hoje corre risco de ser tomado pela empresa Grendene SA.

De forma educada e cordial, *João* relatou que conheceu o Movimento de Luta por Teto – MLT – há cinco anos, através do presidente do MLT na cidade Teixeira de Freitas e também vereador da mesma. A partir desse período, os dois começaram a caminhar juntos em prol dessa luta. Quando questionado sobre as contribuições que o movimento tinha proporcionado para ele enquanto pessoa e combatente naquele lugar, ele classificou que o benefício foi maior para as pessoas carentes e humildes.

A respeito do início e da motivação para a ocupação, *João* diz que embora tenha sido doado pelo Estado para uma grande empresa do município – que havia prometido seis pavimentos, mas só havia realizado um –, no espaço existia uma grande criação de gado de fazendeiros da região. Percebendo a situação, o movimento ocupou o espaço para torná-lo utilizado socialmente, em benefício de quem precisa de moradia. Sobre o seu percurso até a presidência da associação do bairro, *João* conta que foi através da confiança do povo aos poucos, já que mesmo sendo hoje presidente, participa do movimento como ocupante desde o início, sendo o único que persistiu coordenando nesses três anos.

As dificuldades também foram questões abordadas durante a entrevista. Nesse sentido, *João* destaca a especulação e o preconceito das pessoas que não conhecem e não participam do movimento, relatando que muitas pessoas tentam fragilizar o movimento dizendo que os ocupantes não necessitam realmente de uma moradia, quando, segundo ele, é possível perceber que a grande maioria dos ocupantes/moradores são pessoas humildes que precisam de moradia para sobrevivência e dignidade; muitas delas, inclusive, mesmo com o terreno, não terão condições de construir suas casas. Ainda sobre as dificuldades, *João* salienta que a

falta de apoio dos poderes públicos federal, estadual e municipal é a realidade do bairro, mesmo seus moradores buscando reivindicar seus direitos desde o início da ocupação.

Como participante ativo do movimento, no dia a dia da comunidade, percebi um grande protagonismo das mulheres, não só através das cozinhas comunitárias, mas destacando-se como as primeiras, em maioria, a morarem de fato no local. Levando essa questão para a entrevista, *João* também percebe que as mulheres se dispõem mais à frente da luta que os homens, muitas delas, inclusive, já montaram o seu próprio negócio nos espaços que ocupam, o que ajuda a desenvolver o bairro. Com protagonismo, atitudes empreendedoras e coragem, as mulheres estão cada vez ganhando mais espaço no meio do movimento, o que é fundamental, pois como destacado por *João*, outras ocupações irão acontecer na cidade de Teixeira de Freitas, pois a luta nunca acaba.

As entrevistas seguintes, estrategicamente, foram realizadas no bar mais movimentado do bairro, já que é um espaço no qual os ocupantes se reúnem. Como era de se esperar, uma mulher a frente do negócio, proprietária do estabelecimento comercial. A mulher, identificada aqui como *Maria*, mora no local com a filha, menor de idade, que cursa o ensino médio numa escola pública da cidade. Mesmo com a movimentação do local, quando perguntada se preferiria responder as perguntas num ambiente mais tranquilo, a entrevistada preferiu realizar a entrevista ali, pois era onde se sentia confortável. Quando questionada como conheceu o movimento, disse que foi através da irmã no dia da ocupação.

A respeito das ações da liderança em benefício dos ocupantes, *Maria* relata que ninguém os favoreceu em nada. Segundo ela, a energia e a água que usam são péssimas. Porém, mesmo com todas as dificuldades, ela diz que indicaria o movimento para outras pessoas, pois, apesar de muito sofrido, vale a pena, desde que a pessoa tenha consciência do que esteja fazendo e faça com um objetivo.

Sobre a vida, o dia a dia de uma pessoa que vive numa ocupação e a possível criminalização sofrida pelas pessoas que participam do movimento de luta por teto, *Maria* conta que essa é uma realidade que vivencia, já que poucos amigos e familiares frequentam sua casa, pois por ser uma ocupação, acham que o local é habitado por vândalos, marginais e vagabundos. A entrevistada destaca que a localização do bairro reforça esse preconceito, já que o mesmo situa-se próximo ao presídio da cidade. Por extensão, as pessoas de modo geral, segundo *Maria*, veem os moradores do bairro como bandidos.

Quando questionada sobre como via a participação das mulheres nesse movimento de luta e o protagonismo das mesmas na ocupação, a entrevistada demonstrou não ter consciência da importância das mulheres no movimento, uma vez que relata ter aberto um comércio em sua casa apenas por questão de segurança, pois sempre que saía do bairro para trabalhar, quando chegava, tinham roubado algo em sua casa.

Ainda a respeito das experiências que vivencia no bairro, *Maria* destaca que “a situação toda não está sendo nenhuma glória”, já que além das dificuldades que precisa enfrentar diariamente, não tem garantia que a sua casa não será tomada pelo poder público, já que o processo de regulamentação da ocupação ainda está em andamento. Por isso, ela vive preocupada com as notícias diárias de que todos os moradores serão despejados do bairro, perdendo tudo que construíram e conquistaram ali. *Maria* relata, porém, que ela sempre viveu de aluguel, que a ocupação significa uma moradia, a realização da casa própria, e que se fossem obrigados a saírem, mesmo com muito sacrifício, voltaria a pagar aluguel, diferente de muitos outros ocupantes, que dependem daquele local como a sua única opção de moradia.

Sobre a participação do município na regularização do local, no provimento de segurança e saneamento básico, a entrevistada, de maneira bem firme, disse que

não iria mentir, que no local não existe segurança, saúde e nem saneamento básico. Ao final da entrevista, questionada se gostaria de oferecer mais alguma contribuição para a pesquisa, falando alguma coisa que não havia sido perguntado, ficando livre para explanar sobre os assuntos debatidos ou deixar algum recado para a comunidade acadêmica da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, de forma bem espontânea, ela disse que queria, e que iria fazer uma pergunta: “o que os jovens poderiam fazer para ajudar os moradores do bairro? Pois eles precisam de ajuda, porque para muita gente eles são marginais, ladrões de uma terra que não é deles”. E continua dizendo que os jovens universitários precisam fazer algo por eles.

Antes das entrevistas, tive a oportunidade de participar de algumas sessões na Câmara Municipal de Teixeira de Freitas em que o presidente do MLT da cidade, identificado aqui nesse trabalho como *José*, faz parte como vereador. Nessas ocasiões, foi possível perceber um protagonismo de *José* diante das pautas da mesa. Quando questionados aos seus pares sobre o envolvimento interno de *José* nas discussões da casa, os outros vereadores relataram que o mesmo faz parte da comissão relacionada aos problemas habitacionais, fazendo parte, inclusive, do Conselho Diretor Urbano da cidade.

Para a realização da entrevista desse trabalho, alegando falta de tempo, *José* informou que responderia as perguntas pelo aplicativo de mensagens do whatsapp. No início da entrevista, então, foi questionado como se deu a construção (início percurso e luta) do movimento de luta por teto - MLT na cidade de Teixeira de Freitas – Bahia. Em respostas, *José* destaca que o movimento teve início no ano 2000, no bairro do Ulisses Guimarães, juntamente com o bairro Redenção, quando obtiveram sucesso. Em seguida, aconteceram ocupações em pequenos pontos do bairro Tancredo Neves. Como essas áreas não contemplaram todas as famílias que estavam registradas, eles partiram para o bairro Luís Eduardo Magalhães, onde

parte da área era da prefeitura (onde funcionava um lixão) e a outra era zona rural pertencente a fazendeiros da região. Em 2003 foi ocupado o bairro Colina Verde, quando foi estabelecida uma relação com o governo municipal, através de programas de moradia, como o bairro João Mendonça, Jerusalém e vários outros bairros que se tornaram moradia popular.

Depois de 12 anos sem realizar ocupação, em 2015, houve duas grandes novas ocupações: a que fica localizada próximo à Cidade de Deus, que se tornou uma extensão do bairro; e a outra foi a área da Grendene, que era um latifúndio improdutivo urbano, onde a empresa não cumpriu com o seu objetivo social, que era gerar 1600 empregos. Como isso não aconteceu, a Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial - SUDIC do Estado da Bahia foi ocupada por 1500 famílias.

Em relação à pergunta de como foram construídos os objetivos e as estratégias do MLT de resistência, José respondeu que o objetivo é acolher as pessoas que não têm moradia e ocupar áreas reconhecidas como latifúndios urbanos improdutivos, na busca de corrigir os déficits de moradia, uma vez que as áreas são usadas para especulação imobiliária, por tratar-se de áreas devolutas, do governo e município. Por isso, o movimento sempre ocupou áreas que eram improdutivas e não traziam nenhum benefício para a sociedade do município, sobretudo para os mais necessitados.

Ademais, José informa ainda que por meio da resistência o movimento conseguiu muitas conquistas. Expressando sua fé em Deus, ele pontuou que completa 18 anos de luta por moradia, ressaltando que o objetivo sempre foi lutar por moradia, e que o movimento não tem limite:

Enquanto tiver algum cidadão sem moradia, o movimento lutará em defesa dessas famílias necessitadas, para que essas pessoas

possam obter a sua moradia e que consigam viver com dignamente, pois todos têm esse direito, mas são impedidos de exercê-lo.

Questionado sobre como ele observa a participação do Estado e da sociedade civil nessa luta social, disse que a civil se mobiliza através do MLT e que, no âmbito Federal e Estadual, nunca teve nenhum amparo. Já no municipal, há um apoio, e ele espera que continue assim, já que o prefeito da cidade se diz a favor pela luta por moradia. Sobre a participação das novas lideranças no movimento, José ressaltou que “o movimento precisa renovar, novas pessoas precisam receber tarefas, porque ninguém é eterno, e assim novas lideranças vão aparecer”. Ele espera que a liderança seja comprometida com as causas sociais e que lute de forma digna, honesta e ordeira, dentro da legalidade, para conseguir as conquistas com a legitimidade do povo.

Em referência ao protagonismo da mulher no movimento, ele diz que é importante dizer que as mulheres sempre tiveram e têm um papel fundamental nas lutas sociais. O movimento sempre teve e tem grandes companheiras que fazem parte das lutas sociais, porque a necessidade não só é por homens, grande parte do movimento é de mulheres, mães solteiras, que não têm condições de ter sua própria moradia e que encontram no movimento um amparo através do companheirismo, da solidariedade humana, da ajuda das pessoas para que possa alcançar a tão sonhada moradia, uma vez que a importância é tanto das mulheres quanto a dos homens, e que o movimento não pode discriminar, tendo em vista que todos são importantes.

ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE UMA OCUPAÇÃO

O presente trabalho não teve por objetivo apresentar ideias de forma categórica ou conclusiva, mas cooperar para o debate, explorando perspectivas em relação ao movimento de luta por teto – MLT da cidade de Teixeira de Freitas – Bahia,

analisando a ocupação do bairro Rosa Luxemburgo, visando à construção e veiculação de conhecimentos pouco discutidos e trabalhados.

Desse modo, foi levantado, através da revisão bibliográfica, que a problemática da questão habitacional no Brasil se deu, entre outros fatores, pela má distribuição de terra, consequência de uma organização patriarcal, colocando os latifundiários como sinônimo de controle e força. Enquanto a moradia, educação, saúde, transporte públicos são visto pelas grandes corporações apenas com fins de prospecção financeira, o Movimento de Luta por Teto considera essas questões como direitos de toda a sociedade, sem discriminação de raça e gênero.

Logo no início desta ocupação analisada neste trabalho, foi possível perceber muitos exemplos de participação social em comunidade, cada ocupante buscava contribuir de alguma forma. As mulheres ajudavam com a cozinha solidária, os homens na demarcação dos terrenos. Apesar disso, os conflitos por lote eram constantes, mas muitas vezes resolvidos através do diálogo.

Percebe-se, principalmente através da entrevista de *João*, morador e presidente da associação de moradores do bairro Rosa Luxemburgo, que a necessidade de possuir uma moradia foi fator determinante para dar início à sua luta no movimento. Foi suposto no início dessa pesquisa que grande parte dos moradores e líderes do MLT fosse politizado e tivesse uma ideologia que desse razão à sua luta, porém, o que encontrei foram pessoas que tinham como única intenção obter moradia digna e que fossem assistidas pelo o Estado as suas necessidades mínimas, como saúde, educação e moradia, sem nenhuma pretensão política, buscando serem respeitadas.

Verifica-se, através da narrativa de *João*, desapontamento em relação à empresa que estava instalada no local da ocupação, que tinha prometido vários empregos e nada tinha acontecido, pois caso tivesse cumprido a promessa, toda aquela ocupação não teria acontecido. O caminho para se tornar representante da

comunidade surgiu através do prestígio que ele teve durante a ocupação. Diante disso, foi possível perceber semelhanças entre o presidente desta associação de um bairro advindo de uma ocupação com o chefe indígena narrado por Pierre Clastrer em seu livro *A sociedade Contra o Estado*.

Isso porque esse representante não ganha nada, não manda em nada, porque tudo é decidido em assembleia geral, e quando esse chefe não consegue resolver as demandas do bairro, é duramente criticado, por isso ele tem a necessidade de sempre buscar algum benefício para aquele local. É claro que essa ocupação não é nenhuma “sociedade contra o estado”, porém, consegue no seu início viver em harmonia sem poder de polícia e sem saneamento básico concedido pelo Estado.

Para *João e Maria*, existe um evidente preconceito em relação à ocupação por parte da sociedade. Na fala dos entrevistados, foi possível perceber que existe uma grande vontade de mostrar para as pessoas de fora que as coisas que estão acontecendo dentro da ocupação são coisas sérias, para benefício de várias pessoas. Mesmo com toda luta e resistência, é visto que muitas pessoas ali não terão condição de construir a sua moradia e será necessária a ajuda da comunidade. Ficou evidente também a falta de apoio dos poderes públicos, e os dois moradores entrevistados reforçam essa percepção ao criticarem com muita veemência a falta de contribuição do município, contrariamente ao que vemos nos sites de notícias locais, nos quais o prefeito, os vereadores e os deputados se comprometem com o movimento.

Perguntei-me, durante a entrevista, como um movimento social tão grande, que beneficia milhares de pessoas, consegue resistir sem nenhuma política de base, onde grande parte das pessoas inseridas não têm como foco a luta social. Pergunto *Maria* sobre a participação das mulheres, a resposta é sobre a violência que tinha no local, o preconceito com as pessoas que moram na ocupação. Vejo pessoas sem

pretensões políticas e sem interesse de se afirmarem como resistentes, mas como residentes de sua própria moradia.

Existe um grande medo dos moradores em ter que saírem do local, que, há três anos, se tornou a sua residência. É visto nos jornais locais que sempre aparece mandado de desocupação e depois é revertido. *Maria* relata as notícias diárias de que pode ser despejada, e essa incerteza leva à angústia, medo que pode resultar em doenças psicológicas, levando a busca de outros meios de subsistência.

Já o presidente do MLT tem toda uma história de militância, sindicalista, vereador e presidente do MLT, teve uma importante participação na construção da ocupação e depois deixou a administração do local para a associação de moradores. Percebo que a estratégia principal para conseguir fazer ocupações bem sucedidas é fazendo parceria com o município. Desde a primeira ocupação do MLT, *João* sempre foi situação, ou seja, sempre apoiou o prefeito em exercício, nunca ficou de fora de uma administração municipal, isso demonstra que o sucesso das ocupações do MLT se deu, entre outros fatores, pela resistência do povo, sempre buscando parceria com o município.



Site local: Leonardo Feitosa – Presidente do MLT

O questionamento desses moradores é que as suas lutas e os ganhos sociais não são valorizados pela sociedade, por não existir um debate consistente sobre o tema proposto neste artigo. Essa situação demonstra a pertinência de discussões sobre essas temáticas e a importância de dar continuidade a essa pesquisa de maneira mais profunda e contextualizando com outras ocupações da região. E dessa maneira contribuir para o conhecimento e compreensão das lutas desse movimento.

REFERÊNCIAS

BAHIA EXTREMO SUL. **MLT faz assembleia para definir novas estratégias referentes ao terreno da Grendene.** Disponível em: http://bahiaextremosul.com.br/artigo/mlt_faz_assembleia_para_definir_novas_estrategias_referentes_ao_terreno_da_grendene. Acesso em: 10 de fev. 2018.

BRASIL. **Índice de desenvolvimento Humano**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=2746. Acessado em: 07 de abr. de 2018.

BOULOS, Guilherme. **Por que ocupamos? Uma introdução à luta dos sem-teto**. 3. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**, São Paulo: Companhia das Letras, Cursos no College de France (1989-92).

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Porto, Edição Afrontamento, 1975.

ENGELS, Friedrich. **A questão da habitação**. São Paulo: Acadêmica, 1988.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO - FJP. **Centro de Estatística e Informações**. Déficit Habitacional Municipal no Brasil. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/>. Acesso em: 27 de jul. de 2017.

IMPACIÊNCIA E REBELDIA. **Deputado Federal Davison Magalhães sobre a ocupação da Grendene: “se o governo não resolve o povo tem que dar um jeito”**. Disponível em: <https://impacienciaerebeldia.wordpress.com/2017/01/23/deputado-federal-davidson-magalhaes-sobre-a-ocupacao-da-grendene-se-o-governo-nao-resolve-o-povo-tem-que-dar-um-jeito/>. Acesso em: 15 de mar. 2018.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**, São Paulo: Hucitec, 2003.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole, legislação e desigualdade**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n48/v17n48a13.pdf>. Acesso em: 23 de jun. de 2017.

PORTAL SBN. **Timóteo Brito declara que a área ocupada na Grendene já é do MLT e entregara documentação em breve**. Disponível em: <http://portalsbn.com.br/noticia/temoteo-brito-declara-que-a-area-ocupada-na-grendene-ja-e-do-mlt-e-entregara-documentacao-em-breve>. Acesso em: 17 de mar. 2018

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Disponível em: <https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/img-pdf/1440003461-1398280172-vol-03-milton-santos.pdf>. Acesso em: 10 de nov. de 2017.

SUL BAHIA NEWS. **População ocupa área da Grendene em busca de moradia**. Disponível em: <http://www.sulbahianews.com.br/populacao-ocupa-area-da-grendene-em-busca-de-moradia/>. Acesso em: 10 de fev. 2018.

TEIXEIRA NEWS. **Grendene consegue decisão favorável no TJBA e invasores terão que deixar o terreno em Teixeira de Freitas.** Disponível em: <http://teixeiranews.com.br/grendene-consegue-decisao-favoravel-no-tjba-e-invasores-terao-que-deixar-terreno-em-teixeira-de-freitas/>. Acesso em: 17 de mar. 2018.

ANEXOS:

PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS

LÍDER DO MOVIMENTO DE LUTA POR TETO – MLT

- 1º Como se deu o início do movimento (início, percurso e lutas)?
- 2º Como foi construído os objetivos e as estratégias desse movimento de resistência?
- 3º Quais foram as conquistas e limites do MLT?
- 4º Como você vê a participação do Estado (Federal, Estadual e Municipal) e da sociedade civil nessa luta social?
- 5º Qual a dica que você dar as novas lideranças que surgem através desse movimento?

AOS MORADORES DO BAIRRO E DA OCUPAÇÃO

- 1º Como você conheceu o movimento?
- 2º Quais as contribuições que o MLT trouxe para sua família?
- 3º Você participaria desse movimento em outra oportunidade, para ajudar os companheiros nas estratégias de novas ocupações?
- 4º Qual a maior dificuldade que você se deparou no momento da ocupação?
- 5º Como você vê a participação do município na regularização dessas ocupações?

